

Local Conference Call
CPFL Energia
Resultados do Terceiro Trimestre de 2012
6 de novembro de 2012

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência dos Resultados do 3º Trimestre de 2012 da CPFL ENERGIA.

Conosco hoje estão presentes os executivos Wilson Ferreira Júnior, Presidente da CPFL Energia, bem como outros executivos da companhia.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no Site de Relações com Investidores da CPFL ENERGIA, no endereço www.cpf.com.br/ri, onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para “download”.

Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando asterisco zero. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência relativas às perspectivas de negócios da CPFL ENERGIA, projeções, metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer.

Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro da CPFL ENERGIA e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Junior. Por favor, Sr. Wilson, pode prosseguir.

Sr. Wilson Ferreira Junior: Bom dia a todos e a todas, gostaria de agradecer aqui a presença e a participação de investidores e analistas nesta nossa conferência de resultados do terceiro trimestre.

Eu inicio esta apresentação pela página 3 onde nós temos aqui os destaques deste terceiro trimestre de 2012, começando aqui pelo crescimento das vendas na área de concessão, um crescimento de 1%, mas nesse trimestre nós temos aqui uma avaliação de dois dias a menos no cronograma de faturamento de tal maneira que normalizado - faremos um disclaimer sobre isso na frente - nós temos quase 3% de crescimento.

Destacar também a entrada em operação dos parques eólicos de Santa Clara, que ocorreu em julho, destacando que também já fruto de negociação com a agência apesar dos parques não estarem conectados à rede por conta de atrasos na ICG nós já

estamos faturando e recebendo os recursos desse conjunto de parques eólicos lá no Rio Grande do Norte.

Destacar também a conclusão da aquisição da Usina Ester, nós divulgamos fatos relevantes sobre isso.

O pagamento que efetivamos no dia 28 de setembro relativo aos dividendos do semestre no total de R\$ 640 milhões.

O curso normal das nossas atividades sob o ponto de vista de investimento com um investimento da ordem de 660 milhões nesse terceiro trimestre, bastante alinhado com as nossas previsões anuais.

Também destacar naturalmente a conclusão da primeira revisão tarifária de distribuidora do nosso grupo, a Piratininga, com resultados bastante próximos àqueles que nos havíamos sinalizado ao mercado e que correspondeu aqui a um reposicionamento econômico de 7,7% pós a revisão tarifária e o índice de reajuste tarifário aplicado simultaneamente agora no dia 23 de outubro.

Destacar, e é importante colocar isso, a manutenção da nota de crédito brAA+ pela Standard and Poor's tanto para a CPFL Energia quanto as subsidiárias do grupo em escala nacional.

Acho que fruto talvez desse momento de mercado um aumento importante de volume diário nas negociações das nossas ações tanto no mercado brasileiro através das ONs quanto no mercado americano, dos ADRs, atingindo aqui um volume médio diário da ordem de R\$ 50 milhões.

Um conjunto de reconhecimentos feitos à companhia, ao grupo nesse último trimestre, destacando o da pesquisa Você S.A das melhores empresas para se trabalhar, a companhia há mais de dez anos participando desta importante pesquisa realizada pela revista.

E aí dois prêmios novos, são os primeiros que a companhia recebe: o primeiro Prêmio ÉPOCA de Mudanças Climáticas de 2012 e especialmente o Prêmio ÉPOCA Negócio 360°, que é o primeiro... a companhia foi o primeiro lugar do setor e foi terceiro na classificação geral, a primeira pesquisa de abrangência envolvendo não só resultados econômicos mas também a governança, o tratamento que a companhia dá ao tema da sustentabilidade, recursos humanos, estratégia.

Então é um prêmio que tem uma abrangência sob o ponto de vista da operação maior que os demais e a gente fica muito feliz de ter o reconhecimento da CPFL pela primeira vez nessa listagem.

E finalmente destacar o relatório do CDP - Carbon Disclosure Project, que deu um destaque especial à companhia por conta da sua performance e o disclosure que faz das emissões de dióxido de carbono.

Muito bem, seguindo em frente então na página 4 nós temos aí o primeiro disclaimer das vendas de energia nesse terceiro trimestre. Do lado esquerdo então nós vimos as vendas no release contábil da companhia e por ela nós temos aqui uma queda de 2,7 no mercado cativo, um aumento de 11,1% no que seria o mercado livre dentro da área

de concessão dando um total de 1%, aqui destacando o movimento importante nesse trimestre de migração de consumidores livres, mas também o fato de estarmos comparando trimestres com datas (número de dias fraturados) menor no terceiro tri de 2012.

A gente vê no lado direito já esse volume normalizado para permitir uma comparação dos segmentos, isso é importante, e por ele nós temos um crescimento de 2,8% e aí o mercado cativo crescendo 3,2 e o mercado livre crescendo 1,8%.

Muito bem. Na seqüência disso eu gostaria de passar para baixo, vendas na área de concessão, aqui destacando o comportamento dos segmentos. Então por ele nós estamos observando aqui - isso já seria na base normalizada - um crescimento de 5% do mercado residencial, um crescimento de 5,9% no mercado comercial.

Então ambos os setores bastante fortes, o momento da economia é particularmente positivo para esses segmentos e ele é positivo para as distribuidoras na medida em que esse segmento é o segmento de baixa tensão onde você tem sob o ponto de vista de mix tarifário as melhores tarifas do portfólio da concessionária.

Já uma retomada leve, mas a nossa expectativa é bastante positiva de retomada do segmento industrial com 0,8% e os demais segmentos com 2,1%.

Do lado direito dessa tabela vocês vêm exatamente a configuração, os efeitos decorrentes aqui do reportado de 2,4 ou 2,8 entre residencial e comercial e os montantes ajustados que eu acabei de reportar: 5% para o residencial e 5,9.

Muito bem. Na parte de cima só fechando essa tabela nós temos as vendas totais, aí não só... totais faturadas pela companhia junto a consumidores. Então nós temos aqui como reportado os 9795 GWh cativos, uma queda de 2,7% em relação ao ano passado; um crescimento de 10,3% na atividade de comercialização livre e de geração convencional para fora do grupo.

E finalmente aqui nós já temos a participação maior dado o startup de várias usinas da CPFL Renováveis chegando a praticamente 1000 GWh e no total então na comparação desse trimestre de 2012 com o mesmo trimestre do ano anterior nós temos um crescimento de vendas de energia de 6,2%. Então resultados de venda importantes, um momento de retomada da economia. Nós vamos colocar um pouco disso um pouco mais à frente.

Passo à página 5 só para fazer então a comparação e aí no nível contábil. Nós crescemos menos, então, do que o Brasil nesse trimestre (1% contra 1,8). Destaque positivo na região sudeste onde nós superamos nas nossas áreas de concessão a média do sudeste, e negativo no sul onde nós tivemos um desempenho de crescimento de 1,5% contra 3,3% da região sul.

Na parte de baixo a gente já vê... nós trabalhamos, vocês sabem, com a LCA Consultores, a nossa cenarista, então uma expectativa de que tenhamos aqui ao longo desse trimestre uma recuperação importante na produção industrial que vai naturalmente mobilizar as nossas vendas ao final deste quarto trimestre do ano.

Muito bem. Nos próximos slides a gente está tentando pegar um pouco do cenário que alicerça nossa expectativa positiva em relação a esse quarto trimestre com um

conjunto de medidas estabelecidas pelo governo que nós entendemos vão, de alguma forma, impulsionar as vendas de energia nos diversos segmentos em que a companhia atua.

Algumas medidas conjunturais ainda de compensação da crise, conhecidas: redução de IPI para a linha branca e automóveis, inclusive com a última manutenção desses incentivos; a redução de IPI para bens de capital e a postergação do prazo para recolhimento de PIS e Cofins. Tudo isso naturalmente trabalhando do lado positivo da retomada do segmento em particular industrial.

O conjunto de medidas estruturais, essas importantes, perenes, dos investimentos em novos projetos, estímulos para infraestrutura: nós estamos num momento importante de rodovias, em energia, petróleo e gás; o próprio programa Minha Casa Minha Vida nós vamos ver aqui o volume de financiamentos aumentando fortemente desse ano; o novo regime automotivo recentemente colocado, o pré-sal e os próprios eventos esportivos, nós já estamos aí à beira da copa das confederações como prenúncio da copa do mundo.

Outras medidas que certamente incorporarão competitividade: eu não tenho dúvida a MP 579 pela redução do custo de energia elétrica será importante aqui, em particular para a indústria e comércio; a desoneração da folha de pagamento já para 40 setores; queda dos juros e spreads; câmbio também mais competitivo sendo mantido aqui ao redor de R\$ 2 por dólar e a maior folga fiscal permitindo uma queda tributária.

Fato importante que consta aqui nesse quadro, nessa tabela: os investimentos em infraestrutura vêm praticamente pelo sexto ano consecutivo crescendo em percentual do PIB, lembrando que em 2004 ele era 0,8% do PIB em 2011 já atingiu 11,4, 3 vezes maior.

E, uma evidência importante disso, embora a gente tenha evoluído menos do que a gente gostaria, mas a verdade é que em 2007 no ranking de competitividade do World Economic Forum nós estávamos em 72º lugar, em 2011 fomos ao 53º e neste ano nós evoluímos mais um pouco passando então ao 48º lugar, e essa é uma tendência permanente fruto das mudanças, das medidas estruturais que o nosso governo vem tomando.

Eu coloco também como uma síntese na página 7 dessas medidas estruturais, ainda como drivers do crescimento: é importante destacar 17 milhões de empregos criados nesses últimos oito anos, redução da pobreza e desigualdade com a ascensão social (a classe C chegou a 55% da população em 2011); é também digno de nota a expansão de renda e crédito com maior acesso ao consumo de bens duráveis com aumento real de 63% do salário mínimo.

Vocês observem, eu falava a pouco do crédito habitacional. Nós chegamos a 80 bilhões no ano passado e já fizemos 61 bilhões desse ano com expectativa de fecharmos o ano de 2012 com a marca expressiva de R\$ 100 bilhões financiados.

Isso tudo impacta o consumo residencial e comercial, mas vejam só no caso do residencial (essa tabela do lado direito embaixo) a quantidade de novas ligações sendo feitas aqui na área de concessão da CPFL, que já é uma área consolidada, madura, universalizada, etc.: em 2009 nós ligávamos 2,2% de crescimento vegetativo ao ano e isso significava 134.000 ligações nesta área que já era uma, são as oito distribuidoras

do grupo que já pertenciam em 2009 ao grupo CPFL Energia. Isso significava uma adição de novos clientes na razão de 130.000 anuais ou 2,2% da plataforma existente à época.

Neste ano olhando o desempenho até setembro nós já ligamos 215.000, 3,3% de crescimento sobre a base de clientes da companhia.

Então há certamente uma dinâmica diferenciada, praticamente vamos ligar o dobro de consumidores do que ligamos a cerca de três anos atrás. E a gente pode observar no gráfico acima, o que talvez seja a síntese desse slide, que é a perspectiva que tem sido verificada no crescimento do consumo das famílias.

O Brasil atingiu em 2010 a oitava posição no ranking mundial com R\$ 2,2 trilhões e fruto desse momento que vive a economia brasileira a expectativa é de que cheguemos ao final da década em 2020, daqui a oito anos, com cerca de R\$ 3,5 bilhões em bases reais ou a quinta posição no ranking internacional de consumo de famílias.

Tudo isso sem dúvida nenhuma, seja pelo maior número de ligações percentual, seja pelo crescimento real que a gente vem assistindo basicamente no segmento residencial e comercial, esses dados trabalham positivamente seja ao investimento na área de energia seja ao volume de vendas das concessionárias a esses segmentos.

Feito então esse primeiro apanhado em termos de perspectiva nós passamos na página 8 à divulgação dos próprios resultados do terceiro trimestre. Então como de costume fazemos na primeira linha nós temos os resultados reportados em IFRS e por ele verificamos um crescimento de 16% na receita chegando a 3,454 bilhões, crescimento no Ebitda de 9,2% ultrapassando então R\$ 1 bilhão, e uma queda no lucro líquido de 15,2% chegando a R\$ 321 milhões.

É importante destacar, e vocês acompanham isso, a gente sempre coloca isso nos nossos releases de resultado, que fruto da aplicação do IFRS há um movimento importante e não reconhecido de ativos e passivos regulatórios. Então por essa razão para facilitar inclusive o trabalho dos jornalistas e para facilitar naturalmente a gestão da companhia nós também reportamos os resultados recorrentes da companhia sem os efeitos de movimento de ativos e passivos regulatórios tal qual o movimento anterior que nós tínhamos em Brazilian Gaap fruto da incorporação da CVA.

E aí nós temos uma base melhor de comparação desses trimestres ou do desempenho real da companhia. Por ela nós verificamos um crescimento de 14,3% da receita líquida, já uma mudança importante no Ebitda chegando a quase 19% e atingindo 1,134 bilhões, e o lucro líquido seria levemente positivo em cerca de 6,1% chegando a R\$ 425 milhões.

A gente tem uma noção muito clara desses movimentos nesse quadro que nós temos abaixo. Eu só vou fazer um reporte: do lado esquerdo nós temos o efeito em Ebitda, do lado direito o efeito em lucro líquido. Passando aos do Ebitda nós temos aqui uma diferença do custo de energia da EPASA em 2010, foi naquele momento um efeito não recorrente, um reconhecimento que tivemos, ele foi destacado naquele trimestre e refacilitado no nosso release para entendimento do senhores.

E alguns reportes positivos no reconhecimento, finalmente, da receita de subvenção de baixa renda que ocorreu entre 2002 e 2004, um efeito de 15 milhões no Ebitda e ainda

um conjunto de reconhecimento negativos fruto da aplicação do novo manual de contabilidade do setor elétrico: sobra de ativos aqui na Piratininga de R\$ 17 milhões; o ajuste no PDD; é óbvio nós estamos também vivendo um momento de aumento de inadimplência passando a ser um pouco mais conservadores nesta nossa apuração, então um reforço nas nossas contingências de 54 milhões.

E aí depois o efeito positivo e negativo do inventário físico dos ativos de distribuição. Vocês lembram que no ano passado nós fizemos uma reversão de provisão e neste ano já passamos então a reconhecer os custos com esse inventário. É um evento não recorrente porque ele é reconhecido na revisão tarifária das distribuidoras. E finalmente outros ajustes, negativo em 3 milhões ano passado e 3 milhões positivo neste ano.

Nós teríamos aqui fruto desta... apenas desses eventos não recorrentes dos dois trimestres um valor de 32 positivo no ano passado e 55 negativo neste ano. Mas há que se reconhecer mais outros dois elementos e esses são importantes: o primeiro o rito provisório das distribuidoras, ou seja, o fato de elas não terem tido, particularmente no caso de Piratininga e das cinco concessionárias menores que nós temos no estado de São Paulo, a revisão tarifária no ano anterior.

Então nesse trimestre o reconhecimento de R\$ 56 milhões isso agora passa, no momento em que nós tenhamos as revisões, ele passa a trabalhar reconhecendo isso ao longo dos próximos três anos. E obviamente aquela conta, a conta que se movimenta com maior intensidade e que às vezes nos dá uma idéia diferente do que deveria ser no resultado recorrente da companhia, que é o movimento das contas de ativos e passivos regulatórios, ou seja, a CVA, que nesse trimestre é de R\$ 141 milhões favorável à companhia.

Isso tudo então chega àquela diferença que nós estamos montando aqui somando-se as duas linhas dos não recorrentes e dos ativos e passivos regulatórios de 139 milhões adicionados no resultado do que seria o terceiro trimestre no Ebitda ou de 104 no resultado do lucro líquido.

Muito bem. Vamos agora então a partir da página 9 fazer apenas uma avaliação do Ebitda e do lucro da companhia. Então na parte de fora nós temos o crescimento de 18,9 que já incorpora esses resultados dos reconhecimentos seja dos efeitos não recorrentes desses efeitos regulatórios, um movimento de 39 milhões do lado esquerdo e nós é reportamos um Ebitda de 956 milhões no terceiro tri do ano passado, quando na verdade ele de forma recorrente teria sido 996.

A mesma coisa nesse trimestre: nós estamos reportando um Ebitda de 1,044 bilhões quando, fruto dos movimentos recorrentes de regulatórios nós teríamos algo próximo a 1,74 bilhões.

Então nós vamos fazer apenas a comparação dos valores reportados, ou seja, os movimentos de crescimento de 9,2% de 956 no ano passado para 1,44 bilhões desse ano. Destacam-se aqui três blocos: o primeiro é exatamente o crescimento da receita líquida, R\$ 476 milhões e ele se deve em grande medida ao aumento das vendas líquidas para o mercado cativo e o próprio reajuste tarifário médio de 4,3 verificado entre esses trimestres ao longo deste último ano somando R\$ 53 milhões.

Há também o aumento do volume de energia de curto prazo de 20% de crescimento, ou 62 milhões, e a própria receita de TUSD de 9,7 fruto do movimento de clientes livres ao longo desse período.

Nós temos aqui o aumento de outras receitas de 26 milhões e o destaque, já fiz o disclaimer, daquela receita de subvenção de baixa renda, os 15 milhões que foram reconhecidos nesse trimestre que é um valor não recorrente. Aí nós temos os efeitos de consolidação da CPFL Renováveis de 160 milhões e da geração convencional, comercialização de serviços e somando mais R\$ 66 milhões.

A tudo isso deduções de receita, basicamente a redução dos encargos setoriais e os créditos de PIS Cofins que no último trimestre nós fizemos já esse disclaimer a vocês, no total de 72 milhões.

Observem que na seqüência nós temos aqui o aumento no custo de energia e encargos, ainda maior percentualmente do que o nosso crescimento de receita líquida. Então aqui verificamos um aumento de 19,2% em custo com energia comprada (246 milhões) e um aumento de 10,7% nos encargos de 38 milhões - isso na comparação dos trimestres. É importante destacar que fruto da própria MP agora em janeiro ou no começo de fevereiro nós teremos uma redução expressiva nesses encargos.

E aqui importante destacar também que o próprio aumento do custo de energia se deve a uma variação do valor do PLD de R\$ 20 para R\$ 131 nesse período principalmente envolvendo os temas de energia térmica, etc.

Do outro lado nós temos aqui um aumento de 26,9% nas despesas de PMSO. Como despesas de PMSO, a gestão de despesas de PMSO é uma especialidade do grupo, para que a gente não tenha uma ideia equivocada desse número nós fizemos um disclaimer na página seguinte demonstrando que aquilo que parecia um crescimento de 104 milhões na verdade corresponde a uma queda de R\$ 4 milhões ou 1,1%.

Então demonstrando-se na parte de dentro o valor reportando em IFRS, 386, um crescimento de 26,9% ou 104 milhões chegando então no valor reportado desse trimestre de 490.

É importante destacar que a esses valores nós temos um conjunto de eventos que devem ser melhor esclarecidos: o primeiro é exatamente um momento de arranque da CPFL Renováveis. Então nós tínhamos 25 milhões no ano anterior e hoje nós temos mais 49 milhões. Isso é o crescimento da companhia e corresponde exatamente ao dobro do volume de energia gerada e instalada. É uma companhia em crescimento e isso tem de ser naturalmente melhor destacado na comparação das despesas.

Do outro lado os próprios laudos das distribuidoras que nós tivemos uma reversão no ano anterior e que nesse ano nós colocamos como R\$ 2 milhões nesse trimestre.

E finalmente no ano passado vocês se recordam nós estávamos no final daquele programa de incentivos à aposentadoria, então tínhamos R\$ 3 milhões a mais, um valor absolutamente não recorrente, e neste ano nós tivemos, fruto dos processos de revisão tarifária, não só os 15 milhões da baixa de ativos, o manual de contabilidade como eu havia destacado, como também fizemos este reforço de provisão de 54.

Então obviamente fruto desse disclaimer é mais correto para que a gente faça uma comparação na gestão de despesas comparar os 376 contra os 372, o que gera uma queda de 1,1% desses custos.

Para ficar ainda mais claro, na página 11 nós fizemos um detalhamento das nossas despesas de pessoal, de materiais, serviços de terceiros e outros na base trimestral. Então nós nos observar na primeira linha de cima os valores reportados na base nominal. Então nós vemos sempre em azul o nosso dispêndio de pessoal e em verde o nosso dispêndio com materiais, serviços de terceiros e outros.

Então por aí nós podemos observar um crescimento de 2,2% no primeiro trimestre, na comparação dos trimestres o primeiro deste ano com o primeiro do ano passado, uma queda de 5,8% do segundo deste ano com o segundo do ano passado e uma queda de 1,1, conforme acabamos de reportar, nesse terceiro trimestre deste ano contra o terceiro trimestre do ano passado.

É bem verdade que nós estamos nesse período com um crescimento do IGPM conforme a gente reporta nos quadros abaixo, de 3,7% na comparação do primeiro trimestre, de 4,4% na comparação do segundo e de 7,5% na comparação dos terceiros. Então fazendo-se a normalização por esses efeitos de IGPM nós observamos que no primeiro trimestre nós temos uma redução de pessoal de 9 milhões, conforme a última linha, e um crescimento de 3 milhões no MSO na base real.

Já na comparação do segundo trimestre e aí já fruto da redução importante advinda pelo programa de aposentadoria, uma redução nessa comparação de 40 milhões no MSO e de zero em pessoal, e aí já produzindo os efeitos esperados do PAI, no terceiro trimestre uma queda de pessoal de 10 milhões com o MSO caindo 22 milhões. Isso tudo dá uma redução de R\$ 78 milhões na base real na comparação desses nove primeiros meses deste ano contra os 9 do ano passado.

Recordem-se que nós tínhamos uma expectativa de resultado de redução de base real de pessoal na casa de R\$ 25 milhões, nós tínhamos uma expectativa de R\$ 50 milhões pela aplicação do OBZ e algo semelhante a isso pela aplicação no nosso centro de serviço compartilhado. É bem verdade que o ano ainda não terminou, mas nós já chegamos próximos a 80 milhões em nove meses e eu acredito que essa expectativa de um número na casa de 120 milhões ela vai se aproximar bastante.

Então esse detalhamento era importante. Nós estamos nos movimentando época de IGPM e de inflação relativamente altos, na banda superior das metas, então era importante fazer esse detalhamento a vocês.

Passando então agora à página 12, ao detalhamento do lucro líquido, da mesma maneira nós vamos então detalhar não o crescimento de 6% mas sim na queda de 15, e ela se dá em princípio pelo crescimento do nosso Ebitda de 9,2% conforme acabamos de detalhar (de R\$ 88 milhões), mais uma redução de 15% no resultado financeiro líquido que foi negativo em 31 milhões (essa segunda barra). Nesse resultado nós temos basicamente a redução das receitas financeiras de R\$ 62 milhões. Óbvio, nós temos uma redução importante do CDI e do próprio saldo da companhia, saldo líquido da companhia ainda vigoroso mas menor, fruto das aquisições que a companhia fez utilizando parte do seu caixa.

E do outro lado nós temos uma redução nas despesas financeiras 7,3% ou R\$ 31 milhões. Nela, nesse valor total, a gente destaca que de fato a redução é importante, contribuição da redução do CDI (que nos nossos financiamentos responde por cerca de 60%), então nós temos aqui 106 milhões de redução nas despesas financeiras e também a menor despesa com faturas de Itaipu indexadas ao câmbio, R\$ 25 milhões.

A consolidação da CPFL Renováveis fruto da gente ter o controle da companhia (são R\$ 69 milhões) e aí um valor não recorrente que são referentes aos juros e multas sobre pagamento referentes à incorporação de redes da Paulista no valor de 20 milhões para fazer frente à incorporação desses ativos na base líquida da companhia para a revisão tarifária do ano que vem. Esses valores têm de ser incorporados até o mês de outubro deste ano, então isso foi providenciado nesse trimestre.

A atualização de UBP das usinas, e isso a gente já vinha falando desde o ano passado então é só para fazer a comparação nos trimestres. E finalmente nós temos aqui um aumento na depreciação e amortização, sem dúvida nenhuma fruto da depreciação dos projetos de geração da Renováveis, a entrada em operação e a depreciação decorrentes, e à alteração na contabilização de créditos de PIS Cofins conforme também explicado no trimestre passado, o novo procedimento adotado pela companhia.

Nosso superávit na previdência é de 20 milhões menor. Ele ainda era superávit mas é 20 milhões menor do que no trimestre do ano passado, aí fruto da queda do lucro reportado, uma diminuição no imposto de renda e contribuição social.

Com isso nós chegamos então no trimestre a um lucro líquido reportado em IFRS de 321 milhões, fruto ainda do valor líquido de regulatórios e não recorrentes - principalmente regulatórios, ativos e passivos regulatórios - e nós temos um lucro recorrente de R\$ 425 milhões no trimestre.

Vamos à página 13, a uma avaliação de alavancagem. Chegamos a R\$ 12,7 bilhões de dívida líquida ajustada e ela nos dá 2,94x dívida líquida... net debt/Ebitda ajustado pelos nossos covenants, lembrando que esse valor se compara aos covenants cujo teto é de 3,75, medida que a CPFL adotou em todos os seus financiamentos, e obviamente desconsiderando isso somente pelo valor reportado nós temos um Ebitda, o Ebitda reportado com essa dívida daria um valor de 3,45 pelo IFRS.

Mas eu quero destacar que a companhia, reconhecendo... e aí a importância, há quase dois anos nós falamos sobre o tema da possível volatilidade dos valores reportados em IFRS fruto da não consideração da CVA, nós tomamos a providência de em todos os financiamentos incorporarmos o indexador do valor do Ebitda ajustado (aquele que é recorrente para a companhia) chegando então a 2,94.

Mais um destaque, o custo da dívida continua diminuindo, então voltou a diminuir chegando a 4,5% em termos reais, 9,8% em termos, nominais com essa distribuição de 64% em CDI, 27% em TJLP já com a participação relevante de 6% do prefixado (são esses programas do PSI) que estão agora com juros de 2,5%, eu vou falar sobre eles também. O valor em IGP é exatamente a dívida que nós temos com a Fundação financiada a longo prazo onde o IGP é o indexador dos planos previdenciários.

Observem que com essa posição de caixa líquido no final de setembro nós chegamos então a 2,664.

Na página 14 vocês podem observar isso mais claramente, e nós temos aqui o perfil de amortização dessa dívida. Então com o valor em caixa da companhia nós temos cobertura suficiente para 1,3x as amortizações de curto prazo, ou seja, nós ultrapassamos o ano de 2013, pagamos ainda um pouco de 2014 conforme demonstrado aqui. No ano de 2013 nós teremos aqui 1,978 no curto prazo nos próximos doze meses e no último trimestre de 2013 mais 554.

O prazo médio das nossas dívidas chegando a 4,5 anos e o curto prazo respondendo por quase 12% do total. Agindo dessa maneira nós também nesse trimestre tivemos aqui na página 15 a entrada dos recursos do BNDES, do FINEM para a formação do Capex. Tivemos a aprovação e já há algum desembolso de R\$ de 606 milhões e já nesse formato 55% do montante em TJLP, indexado à TJLP mais o spread, e 45% pré a um valor de 2,5 isso dá um custo médio da dívida de 5,56% ao ano com prazo de pagamento de até dez anos.

Então esse ingresso é muito importante. Vocês observem, ele altera - nós estamos destacando isso porque ocorre no começo de outubro e portanto depois do terceiro trimestre - mas já nessas primeiras semanas do mês de outubro vocês observam então a mudança do perfil da dívida com o CDI respondendo por 62%, TJ por 28% e o prefixado por 7%. Então 35% da nossa dívida tomada com recursos de longo prazo do BNDES.

Isso faz com que então o nosso caixa no começo do mês já tenha sido reforçado para algo próximo a 3,3 bilhões podendo então ter uma cobertura de caixa para 1,6x amortizações de curto prazo (que continuam sendo os 1,994) e aqui a dívida de curto prazo respondendo apenas por 11,6%, então levemente inferior do que a posição de setembro.

Aqui apenas na página 16 reportando aqui a revisão do... a manutenção do rating de crédito do grupo (AA+) e aqui eu só quis destacar, fruto da avaliação da Standard and Poor's, a importância que deram à diversificação e geração com investimento em renováveis; o crescimento da contribuição desses segmentos na formação de caixa do grupo; à estabilidade e eficiência do negócio de distribuição e o adequado nível de liquidez com acesso a fontes de crédito de longo prazo que o grupo vem verificando. Então CPFL Energia e suas controladas com manutenção de crédito da Standard and Poor's com perspectiva estável em outubro de 2012.

Página 17 apenas para detalhar, reportar o terceiro ciclo de revisão tarifária da Piratininga deu exatamente o que nós havíamos colocado. Essa é a companhia que teve o maior crescimento do nosso grupo e nós imaginávamos na revisão tarifária que tivesse uma redução do Ebitda em torno de 30% e foi exatamente o que aconteceu.

Tivemos uma mudança na taxa de depreciação, é isso que do valor provisório para definitivo se destaca, fruto da aplicação do novo manual de contabilidade que reduz prazos de depreciação, o valor normal. A base bruta de R\$ 2,542 bilhões, a base líquida de 1,273. A ela se aplica o WACC antes dos impostos e nós chegamos aqui com a parcela B de 574 milhões. Esse é o valor que interessa à distribuidora, é dele que nós vamos ter a efetivação dos nossos resultados.

O reposicionamento foi em torno de 4,45 e o reajuste tarifário que se aplica na seqüência disso levou os consumidores finais então a um reposicionamento econômico

de 7,71, aí não só a revisão tarifária mais a aplicação do índice de reajuste anual tarifário chegando então a 7,71 com componentes financeiros de 1,08. Isto se aplica 1,5% na baixa tensão e quase 10% na alta tensão. O efeito médio verificado em torno de 8,79.

Eu só coloco agora na página 18 um pouco dos desafios do segmento de distribuição. Obviamente agora nós temos a primeira distribuidora nossa com a aplicação desse WACC de 7,5% e que vai exigir uma enorme eficiência operacional e uma enorme eficiência na alocação de capital. Eu acho que esse próprio financiamento que nós reportamos junto ao BNDES é uma demonstração da nossa ação nesta área.

Com um momento que vive de consolidação... o Brasil é pouquíssimo consolidado. As três maiores empresas com cerca de 35% quando o mundo consolidado já trabalha com valores superiores a 60%, 70%. E um momento também do mercado que é fragmentado. Aqui o perfil das 63 distribuidoras, metade grandes distribuidoras, metade pequenas, ou seja, com consumo menor do que 1000 GWh, e o número maior de empresas ocorre na região sudeste, sul-sudeste com 42.

É certo que a partir desta aplicação onde os desafios de distribuição são maiores na operação e no financiamento a consolidação eu entendo que finalmente vai concorrer.

Eu relato na página 19 que temos aqui um efeito muito baixo, praticamente insignificante relativo à aplicação da MP 579, dado que no tema de distribuição menos de 3% do grupo são as renovações das distribuidoras que tem excelentes indicadores operacionais e o efeito econômico da proposição da 579 não alcança as distribuidoras especialmente porque elas vêm vindo em processos importantes de redução do WACC regulatório, isso já ocorria então para as distribuidoras.

É sempre bom lembrar que fruto das três revisões tarifárias as companhias que já viveram ela tiveram uma redução de 42% na parcela B na tarifa de distribuição, então esta eficiência tem sido alcançada pelos processos adequadamente conduzidos pela agência.

E do outro lado nós temos duas PCHs que estavam embebidas nas distribuidoras e que representam menos de 1% da nossa capacidade instalada e que serão objeto então da aplicação da MP 579 estabelecendo uma tarifa para essas geradoras e um valor a amortizar.

Observem que do outro lado nós só começaremos a pensar em renovação de concessões a partir de 2027 com as distribuidoras privatizadas e a partir de 2032 ou 2035 com as nossas geradoras, algo bastante confortável para o grupo.

Por outro lado na página 20 a gente coloca um pouco dos efeitos esperados tentando classificá-los em três segmentos: geração, comercialização e distribuição. Na geração convencional o que se está propondo é que é uma tarifa suficiente para cobrir o custo de operação com um spread, então esse spread acaba sendo um incentivo à operação eficiente dessas usinas.

É evidente que há desafios importantes naquelas usinas que estão sendo objeto de renovação neste momento, há também a amortização dos valores não depreciados calculados pelo valor de reposição, exatamente o que ocorre hoje nas chamadas bases líquidas das distribuidoras. No caso da CPFL evidentemente como eu já havia colocado

as concessões são de longo prazo com vencimento a partir de 2032 e a nossa exposição neste momento é praticamente nula.

E nós já operamos - isso é importante destacar - com custos de O&M na faixa ou abaixo das faixas propostas pelo que a gente pode observar aqui no release que a Aneel soltou na quinta-feira passada.

No tema da comercialização no mercado livre a energia renovada mais barata será destinada, pelo menos por proposição da 579, exclusivamente ao ACR. Isso vai fazer com que o mercado regulado tenha um preço menor na compra das distribuidoras do que tem hoje. Haverá também... e isso tem de ser avaliado com mais cuidado depois da aceitação ou não de todas as geradoras, aí nós vamos ter uma visão mais clara do que pode acontecer no mercado livre.

Mas dado que algumas dessas geradoras poderiam estar vendidas no mercado livre é possível que se tenha uma restrição de liquidez pelo menos no prazo em que há esta antecipação. E há um ponto importante, o segmento A4, que migrava com autorizações ou com períodos de carência de seis meses agora seguem a mesma regra que nós tínhamos com o segmento convencional.

Então eu acho que para a CPFL esse ambiente é claramente mais competitivo. Haverá uma pressão de margem. A companhia tem uma performance destacada no segmento de comercialização e eu acredito que as vendas em particular para o segmento A4 serão vendas mais técnicas. Eu acredito que as empresas que têm consolidado, com credibilidade nesse mercado, acabam sendo beneficiadas como a CPFL. Então será muito importante, em particular para consumidores menores, a confiabilidade que a nossa companhia pode trazer para esses potenciais consumidores livres.

Na distribuição o que entendemos é que as regras, os requisitos de qualidade e performance serão maiores. Haverá naturalmente também um impacto da alteração no processo de contratação e alocação dessas cotas. Nós próprios temos insistido e já tivemos declarações do próprio governo de que a eventual contratação não vai gerar sobre contratação nos distribuidoras. Isso é muito importante.

Sr. Eduardo Takeiti: Eu vou pedir desculpas para todos porque o Wilson está um pouco engasgado. Mas vamos lá, continuando aqui na distribuição as regras então para o setor, as novas regras, os requisitos de qualidade que serão detalhados pela Aneel e evidentemente as alterações na contratação de energia no tocante à alocação de dessa energia perante todas as demais distribuidoras.

E aí para a CPFL o que a gente espera de impacto é um impacto limitado dado que nós temos uma baixa exposição para as concessões, principalmente as menores que estão vencendo em 2015, e que conforme o Wilson falou há pouco representam 3% no Ebitda agregado da companhia, e os maiores ativos nós temos concessões de longo prazo, o maior deles a CPFL Paulista, que começam a vencer a partir de 2027.

Sr. Wilson: Muito bem, Wilson de volta. Na página 21 a gente tem então os principais efeitos econômicos que essa medida pode trazer. Naturalmente no tema de inflação em massa de renda há aqui uma potencial redução da inflação e certamente uma redução de 20% na tarifa é algo importante para ser considerado na inflação.

E isso deve também levar do outro lado a um aumento no consumo e melhora do mix das distribuidoras com maiores vendas do segmentos particularmente comercial e residencial.

Na atividade industrial o impacto da tarifa pode ser diverso: existem setores que são pouco expostos à competição e que farão aqui uma recomposição de margem e há diversos setores que podem reduzir seus custos para aumentar a sua competitividade, ganhar mercado de produzir mais. Então é esperado que a gente tenha na classe industrial um aumento de consumo e redução da ociosidade na contratação de demanda, e a partir de 2014 também a manutenção desse aumento de consumo e da contratação de demanda considerando-se os demais estímulos à economia que já vem determinando investimentos na atividade industrial.

Nós apresentamos na página 22 o cronograma dessas etapas da 579. Duas etapas já foram vencidas: em 15/10 a manifestação de interesse, a grande maioria das distribuidoras todas, na parte de transmissão também e na geração algumas empresas conhecidas não fizeram adesão completa. Mas a verdade é que na manifestação de interesse ela é quase que unânime no conjunto dos três segmentos, geração, transmissão e distribuição.

No dia 1º então, na semana passada, houve a divulgação das minutas dos termos aditivos, a publicação das tarifas e a convocação das empresas de geração e transmissão para assinar os termos auditivos que serão... que deverão ocorrer no prazo de trinta dias, portanto até o dia 1 de dezembro.

Feito então esta contabilização no dia 11 de dezembro nós teremos a aprovação dos valores da tarifa de uso do sistema de transmissão fruto dessa potencial adesão; no dia 1 de janeiro a vigência dessa nova tarifa de geração e da nova TUSD; no dia 20/01, 20 de janeiro, então a resolução homologatória definitiva das cotas para as distribuidoras.

E esse movimento é importante daí ter que se esperar pela adesão na geração para se definir esse conjunto de cotas que serão reconhecidas então em uma revisão extraordinária nas distribuidoras no dia 5 de fevereiro. É um cronograma agressivo mas já o primeiro movimento, então no dia 1º, ele ocorreu conforme o previsto originalmente.

Eu vou passar agora muito rapidamente a parte das páginas seguintes só para fazer um acompanhamento dos nossos projetos de geração da Renováveis. Nós temos aqui ao longo do ano 2013 um conjunto de projetos para entrar: a Usina de Salto Góes que já está 94% concluída, lembrando que esta usina é contratada no LFA a valor de 165 já financiada pelo BNDES. Ela integra... ela entra em operação no primeiro trimestre.

As nossas duas termoeletricas de cogeração de biomassa de Coopcana e Alvorada começando mesmo tempo, estão em estágio semelhantes, uma com 38% e outra com 41% concluídos, financiamentos já aprovados do BNDES. Essas usinas entram no segundo trimestre de 2013 integralizando então esses 120 MW ou 47 médios.

Ainda em 2013 na página seguinte nós temos aqui a entrada em operação dos parques eólicos: o Complexo de Macacos também do LFA, também com o financiamento em análise pelo BNDES, essa usina é para entrar no terceiro trimestre tal como Campo dos Ventos II e o Complexo Atlântica. Ambos entram no segundo semestre de 2013 e

todos os parques eólicos hoje estão em processo de análise dos seus financiamentos no BNDES.

Então os parques eólicos Campo dos Ventos e Complexo Atlântica tem tarifas do LER de 141 no Campo dos Ventos e do LFA de 2010 de 152.

Passo aqui na página 25 ao Campo dos Ventos I e ao São Benedito. Esses são projetos para 2015 dados os próprios atrasos que nós temos aqui no sistema de transmissão e venda no mercado livre. São mais 254 MW a serem instalados para entrar em operação no ano de 2015.

Fecho aqui a apresentação apenas com a página 26 para destacar esse movimento de ações que a gente tem vivido desde a emissão da medida. Com os esclarecimentos que estão sendo feitos a volatilidade tem diminuído mas nós nesse período então também sofremos um pouco, caímos 9,3% contra 15 do IEE e contra uma variação positiva do Ibovespa de 9%. No ano nós estamos performando acima do IEE e da Bovespa.

Nos ADRs também nós tivemos uma queda de 9,8% nesse trimestre contra um crescimento do Dow Jones de 4,3 e uma performance positiva do Dow Jones Brazilian Titans de 2%. O destaque, como eu havia colocado, é o crescimento do volume chegando a 50 milhões diários, um crescimento de cerca de 43% em volume diário.

E o desempenho das ações conforme o reportado aqui à direita onde nós temos performado acima do IEE e acima do Ibovespa conforme falamos.

Termino aqui na página 27 com esse reconhecimento importante do Carbon Disclosure Project em 2012. A CPFL foi considerada entre as melhores notas de performance de disclosure pelas suas ações de mitigação das mudanças climáticas, um conjunto de ações que fazemos aqui para criar valor para stakeholders, o sistema da governança corporativa diferenciada, o engajamento de fornecedores, o tema de inovação com fontes renováveis, o smart grid, o carro elétrico, etc.

E a CPFL foi citada no relatório como um destaque por ter descrito suas iniciativas de uma forma muito objetiva fornecendo detalhes quantitativos. Isso é algo bastante importante, só lembrando que o Carbon Disclosure Project congrega aproximadamente 670 investidores globais que gerenciam ativos de cerca de 78 trilhões de dólares. Então esse reconhecimento é particularmente importante para nós.

Finalmente página 28. Aqui nós estamos no mês do centenário, eu só queria passar a vocês nós estaremos fazendo a inauguração da Usina Solar de Tanquinho. É a primeira usina solar do estado de São Paulo com investimento de cerca de R\$ 14 milhões e que entra em operação agora nesse quarto trimestre no final deste mês aqui, uma usina em Campinas.

Toda a montagem de painéis já foi concluída, estamos na fase final de montagem elétrica e aqui eu queria só destacar que os participantes do nosso sexto encontro de relação com investidores, evento que acontecerá em 4 de dezembro, terão oportunidade de visitar essa usina solar, a primeira e a maior do estado de São Paulo.

Eram essas as nossas observações e eu o junto com a minha equipe agora fico à disposição para as perguntas e agradeço de novo a atenção de todos.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Com licença senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco um e para retirar a sua pergunta da lista digitem dois.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Felpe Leal, Merrill Lynch.

Com licença Sr. Felipe Leal, a sua linha está aberta.

Com licença, a próxima pergunta vem do Sr. Alexandre Kogake, Citigroup.

Sr. Alexandre Kogake: Alô bom dia Wilson, Eduardo. A primeira pergunta tem a ver com a MP 579. Eu queria saber como é que está a migração do consumidor A4 desde o anúncio da MP, se teve algum impacto em volume de migração, algum impacto em preço e se vocês também puderem mencionar algum efeito dessa MP sobre o preço da energia convencional.

A segunda pergunta eu queria ter de vocês a visão sobre uma proposta colocada pela Aneel em audiência pública na quinta-feira passada, que é a questão de você alocar 100% da redução no custo de transmissão decorrente ainda da MP 579 apenas para os consumidores. Hoje a gente sabe que a conta é, grosso modo, dividida meio a meio. Obrigado.

Sr. Wilson: Bem Alexandre, obrigado pela pergunta. Eu vou responder ela, a primeira metade eu respondo e a segunda metade o Fabio, o nosso diretor de planejamento vai responder para você. Bom, com relação à migração do A4 o movimento é praticamente imperceptível ainda. Não há nada digno de nota para ser destacado nesse momento também no que diz respeito ao preço da convencional.

O que a gente tem uma expectativa - e naturalmente a ser verificado em função do tamanho da queda da energia comprada no mercado das distribuidoras - é de que certamente o preço de corte e também a TUSD das distribuidoras vai fazer com que o break even para a Energia Renovável seja mais baixo do que aquele que a gente estava verificando no mercado nesse semestre.

Então é esperado, praticamente na proporção da queda do valor médio de compra das distribuidoras antes da MP e depois da MP, uma queda da mesma proporção em valores em R\$/MWh, algo na casa de 15, pode chegar até R\$ 20/MWh, a queda do preço de venda ou do preço competitivo no mercado livre dos consumidores especiais.

É aí que eu falei, havia ressaltado que vai ficar mais apertado, então naturalmente as vendas serão mais técnicas. Também esses consumidores não tinham o ônus na entrada e na saída das distribuidoras. Eles tinham um movimento até bastante livre, vamos chamar assim, desde que obviamente se beneficiassem de energia alternativa. E com essa nova colocação de que eles terão um prazo de cinco anos eles terão que fazer contas, terão que ter um fornecedor confiável para que possam fazer esse movimento com um nível maior segurança.

É aí que eu acho que o grupo, por ter uma experiência com distribuição e por ter uma atividade de comercialização muito mais segura, pouco especulativa, etc., acaba podendo ter uma vantagem em relação a esse segmento.

Com relação à segunda parte da sua pergunta eu vou passar então ao Fabio Zanfelis, que é o nosso diretor de planejamento, para ele explicar.

Sr. Fábio Zanfelis: Você poderia só repetir de novo para mim a pergunta por favor? É só para ver se eu capturei.

Sr. Alexandre: Fabio é o seguinte: na quinta-feira passada a gente, através de uma nota técnica da Aneel, eles estão com uma proposta de alocar 100% da redução do custo de transmissão decorrente da MP 579 apenas para os consumidores finais, e hoje a gente sabe que esse custo, digamos, é rateado meio a meio entre distribuição e geração.

Eu queria saber se vocês já fizeram uma avaliação dessa nota técnica, como é que está o estágio.

Sr. Fabio: Não há essa avaliação ainda, mas a gente já esperava que isso fosse alocado diretamente ao consumidor final para que fosse dada realmente a redução que o governo se propôs a colocar. Realmente a gente não esperava que a geração tivesse qualquer redução porque aí você realmente teria um aumento de competitividade na geração e você não transferiria esse benefício para o consumidor.

Nós estamos analisando os números ainda, não temos ainda uma posição fechada, mas de qualquer forma esse efeito já era esperado.

Sr. Alexandre: Tá ok, muito obrigado. Se eu puder voltar na pergunta anterior, Wilson, eu queria saber se, dado que agora você tem esse prazo maior de migração de cinco anos, você efetivamente tem lastro, assim como vocês têm na parte de eólicas, se vai fazer uma diferença significativa na contratação para o mercado incentivado.

Sr. Wilson: É, eu acho que certamente a figura que vai ser importante agora é ter lastro de longo prazo. Aí seria uma segunda vantagem da nossa operação, porque todo o lastro que nós temos no mercado livre pode ser alocado para esta competição, para este processo competitivo mais técnico e mais restritivo os consumidores.

Eu não tenho dúvida de que ter um lastro de longo prazo a um preço competitivo fará a diferença na performance de mercado livre junto aos consumidores especiais A4.

Sr. Alexandre: Entendi, tá ótimo. Muito obrigado.

Operadora: Próxima pergunta vem do Sr. Marcio Prado, Santander.

Sr. Marcio Prado: Boa tarde Wilson, boa tarde a todos. Eu gostaria só de fazer uma pergunta complementando a primeira em relação a essa questão da migração dos clientes A4 ou outros que sejam para o mercado cativo para se aproveitar de possíveis quedas no custo de energia relacionado à MP 579.

Eu queria se possível que você comentasse a respeito do balanço energético das distribuidoras da CPFL. A gente vê aí pela frustração, pelo menos nas datas dos leilões A-3, A-5, que o setor como um todo parece um pouco sobre contratado.

Eu queria entender se vocês da CPFL já fizeram algumas simulações do que significa a MP 579, a alocação mandatória da energia hidrelétrica para o setor regulado, também existem outros fatores como a questão das térmicas do Bertin. Então se você puder comentar sobre isso eu te agradeço. Obrigado.

Sr. Wilson: Eu vou te comentar muito superficialmente, Marcio. A pergunta é muito boa e eu também coloco aqui o nosso pessoal depois para poder esclarecer melhor, mas a visão é a seguinte: eu tinha também a expectativa de que houvesse potencialmente uma sobre contratação.

Aí eu vou só recomenda a vocês que entrem no próprio site da PSR, que é o nosso consultor para esses temas também, que ele tem uma demonstração muito clara de que se você não está sobre contratado agora - e o caso das distribuidoras do grupo é exatamente este - você não ficará fruto da incorporação dessas cotas.

Aqui há dois movimentos: um movimento que potencialmente renova concessões, e esse movimento está na casa de cerca de 12.000 MW médios... 12.000 Fábio? 13.000. Mas há do outro lado também a retirada - e só para ficar claro - e se você olhar aquele chamado montante de reposição, aquele montante que as distribuidoras teriam que obrigatoriamente recontratar agora em 2013 que vai ser feito por intermédio dessas cotas.

Mas ao mesmo tempo em que você terá teoricamente, se todos aceitarem, um movimento de ingresso de 12.000 você terá um movimento de saída de 3.000 MW médios, 3000 MW e poucos médios que é exatamente do Bertin.

Então se você olhar o movimento de reposição ele seria na casa de 8500, mais algo como 3500 que vai sair você vai chegar exatamente nos mesmos 12.000 que teoricamente vão entrar. Então não é esperado nenhum movimento de sobre contratação das distribuidoras fruto da entrada dessas cotas de substituição, seja um montante de reposição, seja a saída definitiva do Bertin.

Do outro lado nós até nos seminários que participamos e coordenamos, eu como vice-presidente coordenei lá na ABDIB um módulo na semana retrasada onde nós tivemos a participação tanto do regulador quanto da EPE, etc., e também foi colocado por eles que o movimento não é para gerar uma sobre contratação das distribuidoras e que se ocorresse ela seria considerada para efeito de repasse dessa tarifa.

Então nós não esperamos de uma forma definitiva nenhum impacto negativo de sobre contratação - mas não acreditamos que haverá.

Sr. Marcio: Então Wilson se você permitir só complementar aqui, continuar a discussão: então, por exemplo, se hoje houver uma migração de clientes eletro intensivos A4 para a CPFL fica difícil no curto prazo, como já não há uma sobre contratação relevante nas distribuidoras, de receber esse cliente. Então essa é uma primeira pergunta complementar.

E a segunda eu vou ficar um pouco mais técnico aqui e se for o caso a gente complementa depois no call; mas se não me engano o hedge hidrológico em geral que as empresas fazem é em torno de 3%. A MP acabou gerando um hedge hidrológico, vamos chamar assim, de 5% e isso aí está tirando um pouco de lastro do sistema. Você concorda com essa afirmação?

E também relacionar essa afirmação ao fato de que hoje então fica complicado as distribuidoras do grupo estarem recebendo clientes que queiram migrar do mercado livre já no curto prazo. Eu sei que você colocou isso na tua apresentação quando chamou de problema de liquidez, mas só confirmar a sua percepção em relação a isso. Obrigado.

Sr. Wilson: Só talvez esclarecer melhor o tema que eu coloquei da liquidez: a liquidez em primeiro lugar os consumidores que tem o maior volume de energia transacionado no mercado livre são os consumidores convencionais, não são os especiais.

Em número de clientes eles são até parecidos, mas em volume de energia associada o segmento de convencionais é preponderante, algo na casa de 80%, mais de 80% do mercado livre é hoje em volume considerados os consumidores convencionais, e esses consumidores não têm hoje nenhum incentivo nem pela via da redução de tarifas para voltarem para as distribuidoras, isto é importante destacar.

Se você for... eu imagino que o preço médio de compra das distribuidoras pós efeitos da 579 vai ficar... depende da distribuidora; nós temos simulações aqui onde ele deve ficar no range entre 110 e R\$ 120/MWh depois desse efeito.

O mercado livre hoje para esses grandes consumidores está vendendo energia na casa de R\$ 100, e, portanto esses consumidores não vão se beneficiar desta queda de preço, até porque eles não pagavam esse preço no mercado cativo. Então eles vão continuar pagando o mesmo preço que eles tinham no livre.

Agora o que ocorre é o seguinte: quem está atendendo esse mercado de convencional são muito possivelmente empresas que não só elas, mas é possível que uma parte dessas empresas que têm hoje concessões a serem renovadas poderiam estar operando em mercado livre.

Estas companhias, se aderirem à proposta da 579, ou seja de renovação, elas terão que vincular todo esse volume de energia não mais ao mercado livre mas sim ao mercado cativo a essas cotas, e é isso que nós entendemos que pode trazer um impacto de liquidez ao mercado livre, porque você não terá mais aquele lastro associado ao mercado livre e sim às cotas no mercado cativo. Essa é nossa expectativa.

Segundo, com relação ao tema do mercado A4 a que você fez referência eu quero lembrar duas coisas: quando eu falo que as distribuidoras não estão sobre contratadas eu quero também observar que a maior parte pelas, fruto até do desempenho menor de volume de vendas neste ano, elas estão muito mais para o lado dos 103 do que no meio do range.

É só bom lembrar que em que pese que as distribuidoras tenham esse range de 3%, um bom planejador ele opera com 1,5 para cima e 1,5 para baixo e não só três para baixo, tá certo? Então no nosso grupo nós operamos de tal maneira a ter o nosso

suprimento no intermédio entre 100 e 103, ou seja, 101,5, para ter capacidade de manobra em um evento, porque se você operar muito próximo dos 103 quando você tem uma crise você fica sobre contratado e todo aquele volume você perde.

Então o processo de planejamento mais eficiente é aquele que posiciona a companhia nas suas compras no intervalo entre 101,5 mais ou menos 1,5% e aí somente nesse caso, se você lembrar o que eu havia colocado, você vai observar que se tiver uma movimentação - o que nós não acreditamos, é importante destacar - de consumidores A4 especiais do mercado livre para o cativo dependendo do volume você pode, sim, absorver, na medida em que você tenha já um volume cerca de 1,5% maior contratado nas distribuidoras (maior do que aquele seria o ponto de intermédio eficiente) para absorver eventuais voltas de consumidores.

E além disso o potencial efeito - a gente não pode dizer que é aritmético, linear, absoluto - da troca desses volumes, seja do montante de contratação mais a queda da Bertin, por esse volume de cotas. Então isso também pode servir a esse fim.

Eu não acredito, de novo, em um movimento forte de volta de consumidores do A4 para as concessionárias, e lembrando: nós estamos falando que o segmento A4 no Brasil deve ter, a nossa expectativa é alguma coisa entre 20.000 a 30.000 consumidores. Nós temos lá na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica um volume inferior a 1000, então estamos falando de poucos consumidores que teriam essa volta.

Sr. Marcio: Tá claro.

Sr. Wilson: Eu não se sentir respondo, Marcio, mas mais do que isso depois se você quiser conversar com nosso pessoal fique à vontade.

Sr. Marcio: Tá claro, obrigado Wilson.

Operadora: Com licença novamente senhoras e senhores, caso haja alguma pergunta queiram por favor digitar asterisco um.

Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Júnior para as considerações finais. Por favor pode prosseguir.

Sr. Wilson: Muito bem. Eu queria agradecer a presença e a participação de todos vocês nesse nosso release de resultados e reafirmar a nossa crença de que vivemos um momento particular do setor, seja pelas perspectivas de retomada da economia brasileira, e a gente fez questão de incorporar isso nesse nosso reporte um conjunto de elementos que permitem afirmar que os próximos meses serão intensos em volume de energia para os segmentos em particular residencial, comercial e industrial.

Nós entendemos, passamos pelo primeiro processo de revisão tarifária muito próximo daquilo que havíamos planejado e que claramente é o critério, então nós reconhecemos aqui a boa aplicação do critério de revisão tarifária feito pela agência. Eu acho importante ressaltar que isso é positivo para o setor.

E finalmente com relação à 579 eu queria também ressaltar que nós estamos aqui vivendo um momento importante onde o marco regulatório que previa, naturalmente, a

reversão desses ativos ou a modicidade desses ativos ele vem ocorrendo conforme o cronograma planejado e nós entendemos que neste mês haverá uma forte interação da sociedade com o congresso para que naquela casa nós tenhamos a aprovação definitiva de mais essa definição que carecia o setor e que eu acredito que nos próximos dias nós levaremos a cabo e terminaremos esse momento.

Esse ponto muito importante dentro das perspectivas e das ambições de CPFL, um grupo que tem acionistas controladores fortes e de longo prazo e que estabelecem para a companhia um conjunto de ambições de se consolidar enquanto player.

Eu acredito que nós teremos, fruto desse momento do setor, um movimento no tema da consolidação onde a companhia tem se preparado e tem agido com a disciplina financeira necessária potencializando todas as suas capacitações, em particular na sua excelência operacional e na capacidade de produzir sinergia, inovação. Então nós estamos, nós entendemos que essas habilidades do grupo serão importantes nesse novo momento do setor.

Óbvio, reafirmar a nossa confiança no tema da energia renovável, uma aposta pioneira também do grupo feita há cerca de três anos e que se materializou mais fortemente no ano passado com a criação da CPFL Renováveis, que tem entregado todos os seus projetos conforme os cronogramas originais e tem sido também bastante ativa no tema da consolidação, que será uma realidade também nesse setor em particular a agora pós a Medida Provisória 579.

Então é um momento importante que vai poder... onde a CPFL reafirma o seu compromisso de longo prazo com o país e vai poder ter as suas capacitações sendo percebidas com maior importância nesse momento de consolidação.

Então eram essas as nossas observações e novamente eu queria agradecer a participação de todos vocês nesse call. Muito obrigado.

Operadora: A audioconferência da CPFL Energia está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde. Obrigada.
